



## ESCOLA ZÉ PEÃO

### CAPACITAÇÃO TÉCNICA



Recursos florestais viram artesanato nas mãos das mulheres do campo.

Pg 4

### DECIFRANDO A COMPOSIÇÃO



Projeto explica como são produzidos os cosméticos.

Pg 5

### ESCOLA DE POSTURAS



Educação e Terapia gratuitas para a comunidade.

Pg 9



Saber ler e escrever pode significar muito mais que habilidades para interagir com o mundo, pode significar a realização de um sonho adiado pelas condições que a vida foi impondo a cada um. Essa é a história de muitos trabalhadores da construção civil, pois os canteiros de obras estão repletos de funcionários que frequentaram pouco ou nunca pisaram numa sala de aula.

No Brasil, a quantidade de analfabetos ainda é muito grande, cerca de 12 milhões de habitantes maiores de 15 anos não sabem ler/escrever, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa de analfabetismo da população brasileira beira os 8% e na região Nordeste esse percentual dobra, chega a 16,2%, sendo a maioria do sexo masculino. Considerando a importância da educação para o pleno exercício da cidadania, esses dados nos mostram um Brasil bastante preocupante. Mas existe ESPERANÇA!

Sim, existem focos de esperança e um deles é o Projeto Escola Zé Peão, uma ação de extensão que há 27 anos alfabetiza trabalhadores da construção civil na capital paraibana. Desenvolvido pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, com o apoio de diversas parcerias, a principal delas o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de João Pessoa – SINTRICOM/PB, O Zé Peão é ousado, ao invés de convidar, ele vai ao espaço dos trabalhadores e faz do canteiro uma sala de aula.

Pelo Zé Peão já passaram 10 mil operários, alguns foram alfabetizados e outros ampliaram suas habilidades de leitura e escrita, nos dois casos, podemos afirmar que esse projeto de extensão proporcionou, para esses trabalhadores, um caminho para emancipação cidadã capaz de transformar a sociedade! Nessa edição, publicamos uma reportagem especial sobre o Zé Peão, inclusive com relatos de alguns trabalhadores. Esperamos que a matéria proporcione para cada leitor/leitora um pouco do encanto que experimentamos ao preparar o conteúdo.

Boa leitura!

Orlando Villar

## EXPEDIENTE



Jornal de responsabilidade da  
Pró-reitoria de Extensão e  
Assuntos Comunitários da  
Universidade Federal da Paraíba

### U F P B

MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ - reitora  
BERNARDINA FREIRE - vice-reitora

### P R A C

ORLANDO DE CAVALCANTI VILLAR FILHO - pró-reitor  
LINCOLN ELÓI DE ARAÚJO - pró-reitor adjunto  
THIAGO CAVALCANTE - assessor de planejamento  
JOSÉ AMORIM - assessor financeiro

### COEP

DAILTON ALENCAR LUCAS DE LACERDA - coordenador  
DANIELLE PONCIANO DOS SANTOS - vice-coordenadora

### COEX

ANTONIO GUALBERTO - coordenador  
JOSÉ AUGUSTO DE MORAIS - coordenador adjunto

### CO P A C

MARÇONILIA MARIA DIAS ARNOUD - coordenadora  
JÚLIO MACÉDO - coordenador adjunto

### NÚCLEOS

BELIZA ÁUREA - diretora do NUPPO  
EVERALDO VASCONCELOS - diretor do NTU  
FLÁVIA LUIZA COSTA DO RÉGO - diretora do NIETI  
JOÃO DE LIMA - diretor do NUDOC  
JOSÉ AUGUSTO - diretor do NARF  
JOSÉ FRANCISCO DE MELO NETO - diretor do NUPPLAR  
VALDIR SANTOS - diretor do NAC

## EXTRA MUROS

### PROJETO DO JORNAL EXTRA MUROS

ORLANDO DE CAVALCANTI VILLAR FILHO - coordenador  
SUELY PORFÍRIO - coordenadora adjunta

### EXPEDIENTE JORNAL

CAROLINA JURADO - programadora visual e repórter  
ARTHUR TIGRE - repórter  
JAQUELINE LIMA - repórter  
JOANDERSON ALMEIDA - repórter  
LUCÉLIA PEREIRA - repórter  
MARIA CLARA LIMA - repórter

### COLABORADORES

ANA CLAUDIA  
THIAGO CAVALCANTE

### CORRESPONDÊNCIAS

Endereço: Universidade Federal da Paraíba  
Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários  
Prédio da Reitoria - Térreo - Campus I  
Cidade Universitária - João Pessoa - Paraíba  
CEP: 58051-900  
Fone: (83) 3216.7990  
E-mail: jornalpracextramuros@gmail.com





## RUBACÃO JAZZ : ONDE ECONOMIA CRIATIVA E MÚSICA SE ENCONTRAM

Por Joanderson Almeida

Criada em 2013, a Big Band Rubacão Jazz surgiu como laboratório para experimentar ritmos do mundo e brasileiros. Coordenado pelo professor Alexandre Magno, o projeto é vinculado ao Departamento de Música, no Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA). O grupo, que hoje é composto por 22 integrantes, segue o estilo Big Band Americana, com trompetes, trombones, saxofones, piano, baixo, guitarra, bateria e percussão.

Além de atuar como laboratório musical para estudantes, o projeto possui outros objetivos, entre eles formar plateia e trabalhar a economia criativa. Para formação de plateia, trabalha-se com a produção de conteúdo para as redes sociais do projeto. Conjuntamente, utiliza-se o capital intelectual e cultural do grupo para gerar recursos. “Estamos aprendendo como ‘vender’ o grupo, criando web pages e produtos (CDS, camisas, etc)”, explica Alexandre. Por meio dessas ferramentas, o projeto incentiva a participação do público nos shows e desenvolve o espírito empreendedor nos membros da equipe.

Alexandre Magno é Bacharel em Trombone Baixo pela Universidade Federal da Paraíba e já estudou nos EUA. Ao longo dos anos adquiriu vasta experiência em big bands. Segundo ele, o nome “Rubacão Jazz” foi pensado para dar ao nome do grupo um elemento local de identidade.

O guitarrista Alex Xavier, aluno do curso de Música e bolsista do Projeto, conta que participar da banda de jazz é importante por conta do caráter erudito do curso de Música na UFPB. Alex, que está há dois anos no projeto, fala também sobre os impactos da banda em sua vida. “O grupo vem me fazendo crescer muito, tanto em questão musical, por conta da liberdade que temos aqui, como na administração, já que faço parte do grupo que cuida da infraestrutura do grupo”.

David Martins, aluno de Música na

UFPB, contrabaixista e bolsista do projeto, revela que uma das marcas do projeto é a autonomia que os integrantes têm dentro do grupo. “O Alexandre é nosso maestro, mas nós, além de músicos, somos também nossos líderes. Aqui somos livres para tocar o que e quando queremos”.

Igor de Tarso, saxofonista licenciado em música na UFPB, está no projeto desde sua criação. Ele entrou na Rubacão no início do curso e hoje, depois de formado, ainda faz parte do quadro de músicos da banda. Ele conta que a sua vivência na banda foi fundamental no crescimento do seu nível



técnico como músico: “Entrei na Rubacão para ganhar mais contato com o ambiente musical popular. Mas além disso, tem me ensinado a conviver em grupo, a refletir em conjunto, acolher e discutir propostas.”.

Além de docentes, alunos e ex-alunos da UFPB, o projeto também conta com um técnico-administrativo. Vasconcelo Junior, trompetista e servidor da UFPB, que participa da banda desde março de 2017. “Conheço o Alexandre há anos, antes mesmo da Rubacão. Assim que entrei na Universidade ele fez o convite e eu aceitei imediatamente, pois sabia que aqui encontraria um projeto que segue a linha popular com muito Jazz e improvisado, que é no que mais me encaixa”.

A mais nova integrante da big band, Deilde Santos, entrou há 8 meses no projeto e atua como percussionista. A estudante sequencial em Música conta que escolheu a Rubacão por conta do resgate cultural local que faz parte do projeto: “Acompanho a banda há algum tempo e me chamou atenção o repertório do grupo, que trabalha muitos arranjos de maestros da nossa cidade. Vejo isso como uma forma da banda homenagear os compositores e arranjadores nordestinos”.

Os ensaios da banda acontecem toda segunda-feira, às 19hs, na Sala de Concertos Radegundis Feitosa, localizada no Campus I da UFPB.

Durante os quatro anos de existência, o grupo já tocou em outros estados e recebeu convites para se apresentar nos EUA. Em 2017 o grupo se apresentou pela 3ª vez no Festival Douradense de Música, no Mato Grosso do Sul, levando assim o nome da UFPB para fora do Estado. Em 2017 o grupo realizou muitas apresentações e a previsão é que continue aumentando a quantidade de shows.

A Big Band Rubacão Jazz está levando, através de suas apresentações, a oportunidade para que diversos públicos apreciem música de qualidade produzida pela Extensão da UFPB.



# DECIFRANDO A COMPOSIÇÃO DOS COSMÉTICOS

Por Maria Clara Lima

Quem nunca se interessou em saber como se produz algum tipo de cosmético ou ficou misturando ingredientes para fazer um produto? O projeto de extensão **Decifrando a Composição dos Cosméticos: benefícios e riscos**, do Departamento de Engenharia Química da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), faz exatamente isso, esclarece como ocorre o processo de produção dos cosméticos e tira dúvidas sobre como usá-los adequadamente.

O uso de produtos cosméticos não é fato da atualidade, há tempos faz parte da cultura ter itens de beleza e de higiene pessoal. A coordenadora do projeto, Melânia Lopes Cornélio, destaca o interesse por cosméticos e ressalta a importância de pesquisas nessa área: “Todo mundo utiliza cosméticos de alguma forma e o projeto vem aprofundar os conhecimentos nessa área”.

A proposta de ação dos participantes desse projeto vai além das utilidades dos produtos, eles estudam os riscos do uso. “É importante porque divulga os riscos e mostra que existem produtos que não têm registros na ANVISA. A gente também precisa alertar as pessoas sobre o produto *mais baratinho*, alguns são mais em con-

ta porque não são registrados, então precisamos conscientizar os consumidores” informa a Coordenadora.

Pensando em esclarecer a população sobre as características dos produtos, o Decifrando a Composição dos Cosméticos realiza minicursos para estudantes da UFPB e pessoas de fora da instituição.

Outro ambiente de atuação do projeto é nas redes sociais. A equipe mantém uma fanpage do Facebook onde explica o processo de produção e ensina como fazer produtos com in-



gredientes naturais. Nessa rede social a equipe publicou diversos vídeos fazendo esclarecimentos sobre os componentes dos produtos cosméticos de uso diário.

O projeto alerta a sociedade e ainda auxilia na formação profissional dos estudantes de Engenharia Química, Química Industrial e do bacharelado em Química. Para os estudantes, o projeto apresenta uma possibilidade de área para atuação como profissionais no futuro. “Com o projeto você tem uma linha de pensamento do que fazer depois do curso”, diz a bolsista Tatyana Alexandre.



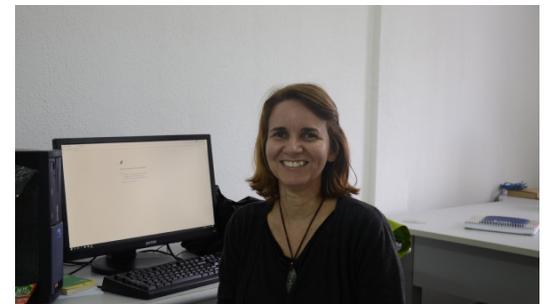
Participantes do projeto

No mesmo sentido, o bolsista João Lucas ressalta uma característica importante do setor: “A indústria de cosméticos, mesmo em meio à crise, se mantém ativa e a experiência nessa área pode proporcionar oportunidades de trabalho”, diz o estudante.

Os integrantes do Decifrando a Composição dos Cosméticos foram às ruas conhecer as principais dúvidas que as pessoas, até mesmo consultores, têm sobre o uso e o processo de produção dos produtos de beleza e higiene.

A Coordenadora contou que os entrevistados ficaram felizes em descobrir que existem pesquisas para desvendar os mistérios dos produtos. Para ela isso é gratificante: “É uma grande satisfação difundir esses conhecimentos de maneira mais adequada para as pessoas, assim satisfazendo a curiosidade delas”.

Em ações como essa, a Extensão cumpre o papel de fazer chegar à sociedade, de modo simples, os conhecimentos gerados na Universidade.



Melânia Lopes, coordenadora do projeto

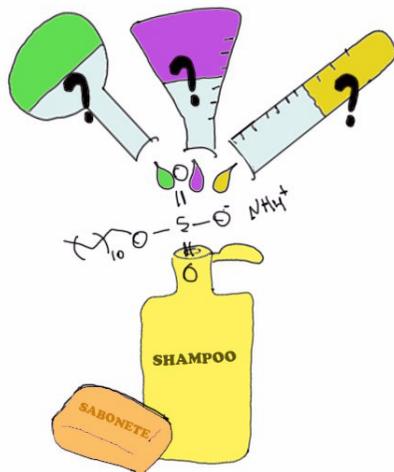


Ilustração: Rita Monte



# CAPACITAÇÃO SOBRE APROVEITAMENTO FLORESTAL SUSTENTÁVEL

Por Arthur Tigre

Com a intenção de colaborar com a preservação da Caatinga, um projeto de extensão busca capacitar camponesas para utilizar produtos florestais não madeireiros como material para a subsistência e fortalecimento da economia local.

É o projeto 'Capacitação técnica às mulheres camponesas para utilização de produtos florestais não madeireiros, que é coordenado pela professora Izabela Rangel - Departamento de Agricultura do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA).

A ação acontece com as mulheres do assentamento rural Novo Horizonte, situado na zona rural de Várzea/PB. Elas recebem instruções quanto à colheita, aproveitamento e beneficiamento de bens florestais.

Izabela é engenheira florestal e com o projeto busca propor alternativas sustentáveis de convívio com a Caatinga. "Sempre que se pensa em produto florestal, se pensa logo em madeira e sua exploração, derrubando árvores (...) para gerar renda. A gente vem com essa proposta de não ser a madeira. Explorar outros produtos florestais que muitas vezes passam despercebidos, como sementes, frutos, cascos, folhas e flores", revela a Coordenadora.



Foto: Divulgação



Foto: Arthur Tigre

As mulheres são o principal alvo da ação porque demonstraram interesse em trabalhar obtendo produtos florestais, assim como em criar artefatos, como bijuterias, objetos de utensílio doméstico, produtos de uso medicinal. No entanto, é possível que futuramente a ação envolva também os homens do assentamento, principalmente no aproveitamento da palha da carnaúba.

O projeto trabalha com a ideia de utilização de produtos florestais alternativos, pois esses podem gerar maior rendimento ao assentamento a longo prazo. Desmatar para extrair madeira é investir numa estratégia pouco sustentável, pois os recursos não se renovam no mesmo ritmo que aumentam as necessidades da comunidade.

Izabela ressalta que uma forma de atrair a população é propor usos que estejam dentro da cultura da comunidade, como por exemplo utilizar sementes para produzir utensílios domésticos que a comunidade utiliza. "Esperamos que as mulheres possam ter uma nova percepção de aproveitamento de sua região, tendo a prática como uma terapia ocupacional e como elemento de sociabilidade, cultura e cidadania", explica a coordenadora.

A estudante de Agroecologia da UFPB, Maria Daguia Silva, bolsista do projeto, conta que fica encantada com a interação que a extensão proporciona. Maria diz que a parte social e cultural do projeto contribui bastante para o sucesso das produções. "Às vezes a gente chega a aprender mais com elas do que elas com a gente", acrescenta. Aline Dantas é voluntária do projeto e reitera que, como discentes, elas têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos das disciplinas do curso e compartilhar os aprendizados.

Ao oferecer uma alternativa para o manejo florestal da Caatinga, a Extensão Universitária proporciona às mulheres da zona rural de Várzea/PB novas possibilidades de convivência com a própria região, abrindo assim espaço para que a comunidade se transforme.



Foto: Arthur Tigre





# ESCOLA ZÉ PEÃO

Por Lucélia Pereira



Foto: Rafael Freire

**H**á mais de duas décadas, o Projeto Escola Zé Peão leva alfabetização e educação continuada para operários da construção civil. Criado em 1990, através de parceria entre a UFPB e o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de João Pessoa (Sintricom), já atendeu cerca de 5 mil alunos e ajudou a formar em torno de 250 educadores.

A ideia do projeto veio da constatação de que a maioria dos trabalhadores tinha baixa escolaridade e muitos não eram alfabetizados. As aulas acontecem de segunda a quinta-feira, durante a noite e no próprio canteiro de obras, para facilitar o acesso dos trabalhadores, já que muitos deles moram em cidades do interior da Paraíba e passam a semana no emprego.

A Escola Zé Peão atua com quatro objetivos principais. O primeiro deles é contribuir para a educação e ser “uma escola especialmente pensada para o operário”, como afirma Timothy Denis Ireland, coordenador do projeto e professor do Departamento de Metodologia da Educação (DME) da UFPB.

Em seguida, vem o desejo de

aproveitar essa experiência para formar estudantes como educadores de jovens e adultos, já que as aulas são ministradas por alunos de diversos cursos de licenciatura da UFPB. Antes de entrar no projeto, eles passam por uma formação especial que dura um mês e seguem sendo acompanhados durante as ações nos canteiros.

Outra meta é que a ação de extensão sirva como campo para pesquisas acadêmicas. Ela tem contribuído para estudos nas áreas de Educação, Psicologia, Administração, Engenharia de Produção, entre outras. “Tem sido um campo fértil de pesquisa”, destaca Timothy. Por meio do trabalho realizado pelo Centro de Educação/UFPB há também o intuito de ajudar na elaboração de metodologias e material didático para o operário de construção civil. “Nossa perspectiva de educação não é só escolar. Há muitas formas de aprender”, afirma o Coordenador.

## ATIVIDADES

O Zé Peão é formado por vários programas. Entre eles está o Aprendizagem Móvel no Canteiro de Obra (AMCO), que utiliza tablets para ensinar sobre o uso de mídia digital. Já o Programa de Alfabetização em Língua Materna (PALMA), trabalha com um aplicativo para smartphone que auxilia na aprendizagem dos alunos, por meio de atividades interativas. Há também oficinas de arte e um projeto de saúde e educação nutricional que verifica a

alimentação dos operários, mede a pressão arterial, entre outras avaliações.

Além das aulas, a Escola Zé Peão proporciona outras atividades aos trabalhadores: visita ao campus da Universidade Federal da Paraíba e a Biblioteca Central, ao planetário do Espaço Cultural, ao cinema e a exposições.

Timothy fala ainda sobre a importância do convênio entre a Universidade e o Sintricom para a existência da iniciativa. “Essa parceria não é apenas uma formalidade. O sindicato tem contribuído muito para a escola tanto em termos de discussão sobre conteúdos e metodologias, como também conversando e convencendo os operários. E também tem contribuído financeiramente.”

## HISTÓRIAS

O canteiro de uma grande construtora da capital paraibana, localizado no bairro do Altiplano, é um dos locais onde as aulas acontecem. Lá, 16 operários participam do projeto. A turma tem duas professoras, para auxiliar as pessoas com diferentes níveis de conhecimento. Na sala de aula, as cadeiras são organizadas em forma de círculo, o que deixa o ambiente mais propício para interação entre as educadoras e os alunos.

Cada operário tem uma história diferente para contar, mas todos possuem o mesmo objetivo: recuperar o tempo perdido no passado, quando alguma dificuldade os fez interromper os estudos.



Foto: Rafael Freire



José Roberto da Silva, de 38 anos, veio para a escola Zé Peão através do incentivo de dois colegas que já participavam do projeto. Nascido em uma família com 15 filhos e morando em Itabaiana - PB, onde a escola era muito longe de casa, ele começou a estudar pela primeira vez aos 16 anos, mas logo teve que parar para trabalhar na roça ajudando o pai. Ao ser perguntado sobre qual matéria ele mais tem gostado de estudar no Zé Peão, não teve dúvidas e logo respondeu: "Matemática". José diz com convicção que não pretende faltar a nenhum dia de aula e acrescenta: "É muito bom aprender, para fazer as coisas que não fiz antes".

Cid Moreira Alves, de 31 anos, veio da cidade de Aparecida, no Sertão da Paraíba. Ele estudou apenas até a oitava série. Aos 22 anos, começou a fazer supletivo mas depois desistiu. Para ele, o projeto Zé Peão tem ajudado a resgatar conteúdos que não via há muito tempo. "Na Matemática, tem contas que você nunca faz trabalhando e aqui a gente relembra".

Para o operário Rosinaldo Martins, de 32 anos, ter duas educadoras dando aula ao mesmo tempo facilita bastante, pois cada uma se dedica a um nível de aprendizado. Ele conta que já aprendeu muito e pretende continuar participando do projeto.

Severino da Silva, de 49 anos, contou que quando era criança, se mudava de cidade frequentemente e isso atrapalhou muito seus estudos. "Eu entrava na escola, estudava um mês ou dois, mas depois tinha que sair". Por

conta disso, aprendeu apenas a escrever o próprio nome. Agora, participando do projeto há dois meses, faz questão de frequentar todas as aulas.

As histórias dos operários do canteiro são muitas. Nascido na cidade paraibana de Riachão do Bacamarte, Petrônio Batista de França começou a estudar só aos 16 anos, porque tinha que trabalhar na agricultura. Ele parou na quinta série. "Quando completei a maioridade, fui trabalhar fora e a escola ficou pra trás". Petrônio sabe ler com dificuldade e conta porque chegou ao projeto. "Não é fácil pra gente voltar a estudar, devido a nossa jornada de trabalho. A gente trabalha bastante, acorda às seis da manhã e trabalha até as 18 horas, mas devido à vontade que eu tenho de escrever e ler melhor, estou aqui."



Foto: Divulgação

## IMPORTÂNCIA

O projeto tem contribuído também para a formação dos educadores envolvidos. Flávia Serpa, estudante de Língua Espanhola, é professora da Escola desde 2016 e conta como tem sido sua experiência. "O programa indiscutivelmente é feito de amor à docência. Participar do Programa Escola Zé Peão

é sem dúvidas um divisor de água na nossa carreira docente", enfatiza Flávia.

Ainda segundo a educadora, o programa de extensão tem como diferencial a formação continuada. Todo processo educativo de planejamento e preparação de conteúdos é feito em equipe. "Nós, educadores e professores, trabalhamos em conjunto com o objetivo maior de que os alunos possam ter uma aprendizagem realmente significativa e ao mesmo tempo nós nos aperfeiçoamos como educadores", conta Flávia.

Gessica Mayara de Oliveira Souza também é educadora do projeto. Ela está no oitavo período do curso de Pedagogia e conta que a participação na Escola Zé Peão está ajudando na sua experiência em educação de jovens e adultos (EJA), já que o tema ainda é pouco abordado no curso. Sobre a experiência como educadora, declara: "É muito desafiador, porque é uma responsabilidade muito grande, tanto em você preparar o que vai passar pra eles como a forma como você vai passar".

O programa Zé Peão tem alcançado reconhecimento nacional e internacional. Em 2008, ele foi apresentado no Encontro Regional da América Latina e do Caribe, na Cidade do México. Ano passado, recebeu uma menção honrosa concedida pela Biblioteca do Congresso Nacional dos Estados Unidos. "Mas acho que o mais importante são os depoimentos dos professores e alunos que participaram", revela Timothy Ireland ao falar sobre o reconhecimento do projeto.

No entanto, o maior reconhecimento para o Zé Peão é ser aceito pelos trabalhadores, é representar para eles um espaço democrático para adquirir o conhecimento e a educação que não tiveram acesso na infância.



Foto: Rafael Freire





# AVIÁRIO-ESCOLA: DO POTENCIAL AGRÍCOLA AO SUSTENTO FAMILIAR

Por Arthur Tigre

O projeto de extensão 'Implantação de um Aviário-Escola de galinhas caipiras de postura', presta assistência a um grupo de agricultores do assentamento rural Vanderley Caixe, em Pedras de Fogo-PB, assistência a um grupo de agricultores do assentamento rural Vanderley Caixe, em Pedras de Fogo-PB.



Foto: Divulgação

Coordenado pelo professor Genyson Evangelista, docente do Departamento de Gestão e Tecnologia Agroindustrial / CCHSA Campus III da UFPB, o Aviário-Escola é uma adaptação das antigas instalações da primeira etapa do projeto, que aconteceu em 2016 e cuidava da criação de galinhas caipiras para a produção de carne para comercialização.

Satisfeitos com os resultados positivos da primeira etapa, os beneficiados pediram que a extensão continuasse. Assim, o Aviário-Escola foi criado para colaborar na capacitação dos assentados, que resolveram se dedicar à criação de galinhas caipiras para a produção de ovos.

Nessa segunda etapa, o projeto desenvolve atividades de qualificação, como cursos, palestras e oficinas com o objetivo de difundir a avicultura alternativa no assentamento.

Segundo Genyson, o Aviário-Escola é uma unidade de produção agropecuária, que será também um setor de educação tecnológica, uma espécie de miniescola técnica. "Vamos desenvolver atividades de capacitação, com uma metodologia de imersão (...). Além disso, a gente reserva até três dias para oferecer um curso sobre avicultura", conta o Coordenador.

Parte das famílias do assentamento tem sua criação de galinhas, geralmente usada para o consumo próprio. O coordenador conta que, com o Aviário, essas famílias terão atividades que podem incrementar sua renda. "A nossa função é levar para lá uma criação profissionalizada e conduzida com conhecimentos técnicos", complementa Genyson.

Por determinação dos assentados, as ações do projeto são norteadas pela Economia Solidária, onde as decisões são tomadas coletivamente. A agroecologia é outro princípio norteador, os assentados só trabalham com frangos caipiras orgânicos. As aves são alimentadas com ração livre de hormônios e produtos químicos, produzida pelos alunos do projeto, na fábrica de ração, no campus de Bananeiras.

Na produção de ração colabora Leomácio Ferreira, estudante de Agroecologia da UFPB e bolsista do projeto. Ele conta que a ação oferece uma experiência prática que marca sua vida acadêmica. "A troca de conhecimentos é formidável e muito importante para concretizar as experiências teóricas captadas em sala de aula", acrescenta.

Erickson Kadoshe, voluntário do projeto e também estudante de Agroecologia da UFPB, falou sobre as insta-

lações do Aviário: "Ele é construído a partir de materiais existentes na própria comunidade, como estacas e lonas. Em uma possível mudança de local, os produtores podem levá-la e implantar novamente em outra área", revela.

Além da contribuição na fábrica de ração, Leomácio e Kadoshe auxiliam o coordenador no processo de planejamento, execução e avaliação do projeto junto à comunidade beneficiária.



Foto: Divulgação

A avicultura caipira produz alimentos mais saudáveis do que aqueles do agronegócio, que utiliza sistemas de produção de massa, que muitas vezes requer o uso de matérias-primas industrializadas, artificiais e/ou químicas.

Assim, o projeto estimula a população local a desenvolver a prática de uma atividade econômica que, embora já exista naquela comunidade, pode ser explorada de forma inovadora, garantindo-lhes segurança alimentar e uma renda para sua família, mediante a comercialização dos produtos avícolas.



Foto: Divulgação



# VETERINÁRIO AMBULANTE

## EXPANDINDO O ALCANCE DO ATENDIMENTO

Por Carolina Jurado

Com o propósito de contribuir no cuidado com a saúde dos animais, surge o projeto de extensão Veterinário Ambulante, que faz o atendimento a animais domésticos de grande porte e produção, como os bovinos, de forma gratuita na cidade de Areia e em municípios vizinhos. Desenvolvido desde 2011, é coordenado pelo professor Suedney de Lima do Departamento de Ciências Veterinárias do Campus II da UFPB e vem ajudando os pequenos produtores da região.

O projeto foi criado a partir do plano de trabalho que o professor Suedney apresentou quando foi contratado pela Universidade. A ideia era elaborar um projeto de extensão viável e com o objetivo de prestar assistência aos assentamentos da região. Assim, o Veterinário Ambulante é um projeto que dá suporte veterinário (clínica médica e cirúrgica, obstetrícia, nutrição e manejo sanitário) e dessa forma contribui com a agricultura familiar de assentados e da população em geral.

As ações são programadas ou pontuais. As de clínica médica ou cirúrgicas são pontuais. Já as de manejo sanitário costumam ser pro-

gramadas, pois são muitas vezes aproveitadas para a realização de aulas práticas, reunindo o maior número de assentados possível.

Francisca Mônica Couras, aluna do 9º período de Medicina Veterinária e bolsista do projeto, contou que sua motivação para participar foi seu interesse por animais de grande porte, como os equinos e bovinos. A discente participou como voluntária no início. “Para quem quer trabalhar com animais grandes tem que ter a parte prática, precisa saber como falar com o produtor, ver as doenças nos animais na realidade e perceber os sintomas”, conta Francisca Mônica.

O Veterinário Ambulante atende produtores que não possuem meios para levar o animal até o hospital, daí parte o nome do projeto. Todos os procedimentos são feitos no local em que o animal está. Os produtores entram em contato previamente e contam o que está acontecendo com o animal. A equipe leva até o local todo o material necessário para realizar o procedimento. “Tem que levar todo o material correto, devemos ter responsabilidade com animal também. Não é só chegar na hora e fazer”, diz Francisca Mônica. Mas há cirurgias que não podem ser realizadas no campo e, nesse caso, a equipe do projeto providencia o transporte do animal para o Hospital Veterinário do Campus.

Além do tratamento veterinário, o projeto realizou palestras sobre manejo sanitário de pequenos ruminantes, sobretudo no tocante a vermifugação e vacinação com a intenção de mostrar a importância dessas vacinas e as consequências das doenças bovinas para o produtor e a região.

O projeto tem muitos beneficiados em toda Areia e nos municípios próximos. Esse alcance poderia ser



Professor Suedney em uma das visitas

ainda maior caso a Extensão possuísse mais recursos para adquirir, por exemplo, um veículo e materiais médicos.

Os projetos de extensão, como este de medicina veterinária, motivam os alunos tanto para a vida acadêmica quanto para a atuação profissional. “Na hora que são unidas a teoria com a prática, há uma complementação fantástica! Você aprende muito mais quando coloca a mão na massa. Essa oportunidade de atividade de campo, é ímpar” ressalta o professor Suedney.





Foto: divulgação



Exposição no Forte Santa Catarina

Por Maria Clara Lima

Inclusão social de crianças e adolescentes, pelas vias da arte e da educação, é a base do Catarina, como é carinhosamente assim chamado por seus colaboradores e participantes o Projeto Arte e Cultura Catarina. Coordenado pela produtora cultural Clara Magna, surgiu em 1992 com a finalidade de proporcionar aos jovens de Cabedelo/PB oficinas, apresentações e cursos de arte e cultura nas dependências do Forte de Santa Catarina.

Foto: divulgação



Exposição Catarina no Centro de João Pessoa

Atualmente o projeto é desenvolvido com a colaboração de dois discentes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na condição de bolsistas dos Editais PROBEX e UFPB no seu Município, no entanto, a equipe que realiza as atividades conta com muitos voluntários, alguns deles ex-alunos do projeto.

Na história do projeto muitos desafios já foram superados. Clara Magna conta que um de seus maiores

contratempos foi quando o Forte de Santa Catarina foi ocupado por desabrigados. A situação foi resolvida quando a prefeitura de Cabedelo informou que iria construir casas para abrigar as pessoas que estavam ocupando a Fortaleza.

Clara diz que usou aquele momento para fazer um acordo com a comunidade: “Quando tudo se acalmou fiz um acordo com a comunidade, eles deveriam assumir a Fortaleza em relação a manutenção e a limpeza”. A Universidade também se responsabilizou em realizar oficinas de Arte Visual, Cerâmica, Materiais Recicláveis e Guia Turístico, além das danças populares como Lapinha e Coco de roda.

Um grande esforço da coordenação é para que os participantes, entre 07 e 18 anos, estejam matriculados e frequentando a escola regular ou cursos preparatórios para o ENEM. Mas essa exigência é difícil de ser atingida. “A gente lida com jovens que passam por muitas dificuldades em casa, temos que acompanhar o tempo todo. Quando eles param de frequentar a escola vamos até as casas e conversamos até mudarem de ideia” diz Clara.

O projeto Catarina tem a colaboração da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), crianças

## ARTE E CULTURA CATARINA INCLUSÃO SOCIAL NO FORTE

de cidades circunvizinhas que se interessam pelo projeto não pagam quando estão viajando para Cabedelo. Outra parceria importante é com o Hospital Universitário Lauro Wanderley (HU-UFPB), onde a equipe do Projeto Catarina desenvolve oficinas de produção artesanal na ala infantil, nas quais são envolvidas mães e crianças.

Maria José, que hoje é bolsista do Projeto Catarina e foi, há dez anos, participante, falou do sentimento de contribuir com a inclusão das crianças: “Tenho um orgulho imenso, porque eu moro na comunidade. Eu nasci e me criei lá, e muitas vezes eu fui excluída de atividades, porque eu não tinha condição financeira. Poder participar disso com os meus alunos é muito gratificante”.

O Projeto Arte e Cultura Catarina em seus 16 anos de existência coleciona grandes êxitos. Algumas pessoas que participaram do projeto já estão concluindo o ensino superior. Outros utilizam o conhecimento que aprenderam nas oficinas de materiais recicláveis para gerar fonte de renda, como lojas de artesanato na praia do Jacaré-PB. Além do imensurável ganho para a cultura, sobretudo para as danças populares que se mantêm vivas quando praticadas pelas crianças da comunidade.



Catarina no São João do HU

Fotos: divulgação

## BIBLIOEXT passa a funcionar na Biblioteca Central da UFPB

Por Jaqueline Lima



Localizada anteriormente no prédio da Reitoria, a BIBLIOEXT (Biblioteca de Extensão) passa a funcionar na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Nela são encontrados diversos títulos, um importante acervo de referências sobre Extensão Universitária.

Durante muito tempo esse acervo de documentos e livros, registros de 60 anos de extensão, esteve guardado sem as condições adequadas de conservação. Mas em 2011, com o trabalho de recuperação e catalogação dos arquivos, realizado por João Batista Veras (servidor técnico-administrativo da PRAC) com o apoio do Pró-reitor Orlando Villar, a BIBLIOEXT foi revitalizada.

Por um ano (2014), junto com os estudantes bolsistas de Arquivologia e Biblioteconomia, Veras realizou a limpeza e organização do acervo. “Garimpando, lentamente, fomos separando todo o material. Pode parecer que é trabalho feito em um dia ou dois, mas foi quase um ano. Quando conseguimos separar os documentos dos livros, de fato nasceu a BIBLIOEXT.” diz João.

Após organizado, o acervo foi catalogado e cadastrado no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas - SIGAA. Como na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários não era possível organizar uma rotina de acesso às obras, o Pró-reitor Orlando Villar articulou para que o acervo fosse ficasse na Biblioteca Central, onde está disponível para consulta e empréstimo.

## UFPB REALIZA ENCONTRO SOBRE EMPREENDEDORISMO

Por Joanderson Almeida



A Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PRAC/UFPB) realizou no dia 16 de agosto o 1º Encontro de Professores de Empreendedorismo da UFPB, sediado em Mamanguape, nas instalações do Campus IV. O objetivo foi reunir docentes que já ministram a disciplina de empreendedorismo, assim como aqueles que possuem interesse em aprender sobre a área.

O encontro teve a abertura feita pelo Pró-Reitor Orlando Villar, seguida de palestras de professores da UFPB sobre suas experiências com empreendedorismo. Após a pausa do

almoço foram realizadas duas oficinas, onde os professores ficaram responsáveis pela construção da proposta de ementa e metodologia das disciplinas Empreendedorismo I e Empreendedorismo II.

Alberto Cabral, servidor técnico-administrativo da PRAC e um dos organizadores do encontro, destaca o impacto do evento para a instituição: A importância de maior relevo desse evento foi a de promover a troca e difusão de experiências e metodologias de ensino de empreendedorismo no Ensino Superior.

Participaram do evento 28 docentes de diversos Centros de Ensino da UFPB. É esperado que nos próximos meses seja realizado o 2º encontro, com o propósito de expandir as discussões sobre empreendedorismo na Universidade.



PERFIL  
EXTENSÃO

## NILVANIA DOS SANTOS SILVA CCHSA



Nilvania dos Santos Silva é assessora de Extensão do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA), Campus que para ela tem a Extensão como forte elemento de sua identidade. No papel de assessora há mais de dois anos, a docente expõe que sua maior responsabilidade nessa função é orientar os proponentes dos projetos para registrar e documentar as ações desenvolvidas, além de mediar a formalização das ações surgidas informalmente. Para Nilvania, a Extensão é interessantíssima, sobretudo pelo horizonte de possibilidades inerente à atividade. A assessora conta que gosta de incentivar a participação dos colegas na Extensão: “O principal desafio mostrar que a Extensão não só uma aba da Universidade, ela tem que ser o retorno para a sociedade da pesquisa e do ensino”.

## LUCENI CAETANO DA SILVA CCTA



Luceni é professora do Departamento de Música da UFPB e assessora de extensão do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) desde 2012. Ela atua na assessoria e exerce outras funções dentro da Universidade. Já coordenou a Orquestra Sinfônica Jovem da UFPB e atualmente coordena o projeto de extensão da assessoria em que trabalha. Ela diz que o CCTA possui 34 projetos PROBEX em execução e destaca o projeto de musicalização infantil feito pelo Laboratório de Educação Musical Infantil, pela sua importância social. “O projeto já atendeu mais de 300 alunos, de 6 meses aos 6 anos de idade, já passou pela Casa da Criança com Câncer, Escola de Música Anthenor Navarro (EMAN) e agora irá ao Centro Estadual da Arte (CEARTE). É uma coisa boa porque está criando vários núcleos, não se volta apenas para o ambiente universitário” conta a assessora.





## NUPLAR APOIA AÇÕES COMUNITÁRIAS NA PARAÍBA

Por Carolina Jurado

Dentre os diversos núcleos que integram a UFPB, um deles vem apresentando um papel inovador no cenário da pesquisa e da extensão institucional, este é o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Economia Solidária e Educação Popular (NUPLAR). Constituído em 2014, o Núcleo abriga três programas: o Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR); a Incubadora de Economia Solidária (INCUBES) e o Observatório de Políticas Culturais (OBSERVACULT).

NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA, EXTENSÃO E ENSINO  
EM ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

<http://www.prac.ufpb.br/copac/incubes/>  
Fone: (83) 3216-7654

### EXTELAR

É o grupo mais antigo do Núcleo, criado em 1999, tem como objetivo incentivar o desenvolvimento de projetos na área popular, juntamente com a produção teórico-acadêmica, além de manter o debate sobre o papel social da UFPB. Em 2016 ano passado ele organizou o I Encontro de Paraibano de Experiências em Educação Popular, que reuniu 250 participantes.

### INCUBES

Criada em 2001, tem o papel de ajudar a formação de empreendimentos econômicos solidários. O objetivo é ajudar associações, cooperativas e grupos que estão tentando formalizar-se para atuar na perspecti-

va da economia solidária. Atualmente a incubadora desenvolve vários projetos, um deles é a Feira Agroecológica da Ecovárzea, que ocorre toda sexta-feira na UFPB. Muitos confundem o núcleo com a incubadora por ela ter sido criada antes do NUPLAR existir, porém ela é um programa do Núcleo.

### OBSERVACULT

Foi o último grupo a ser fundado. Criado em 2014, tem o foco de estudar e analisar as políticas culturais desenvolvidas hoje na Paraíba e no Brasil.

No ano passado eles promoveram uma roda de diálogo com o tema Incentivo à Produção Artístico-Cultural na UFPB. “É um grupo multidisciplinar, temos pessoas da comunicação, ciências sociais, direito, entre outros. São vários cursos, até porque o tema requer essa abordagem de participação de várias áreas” conta Henrique Sampaio, gestor do

Núcleo.

Em julho de 2017, o NUPLAR apoiou duas ações no Estado, uma delas foi a realização da Feira de Agricultura Familiar da Central de Beneficiamento e Comercialização da Agricultura Familiar e Economia Solidária (CBCAFES) em Sapé.

Outra ação foi o auxílio na formação da Cooperativa Paraibana de Empreendimentos Solidários, que une grupos de agricultura familiar, artesanato e etc. “Nós ajudamos na formação, acompanhamos todas as reuniões e auxiliamos no início da gestão. Agora que eles se formaram, nós auxiliamos de forma indireta, incentivando a autogestão deles” diz Vanderson Carneiro, coordenador da INCUBES, grupo que desenvolveu todas essas ações.

O espaço do Núcleo funciona no edifício da Reitoria, no andar térreo em sala própria e é possível entrar em contato com ele através do número (83) 3216-7654 ou pelo email [nuplar@prac.ufpb.br](mailto:nuplar@prac.ufpb.br)

